

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

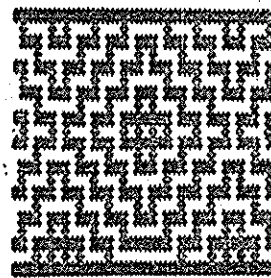
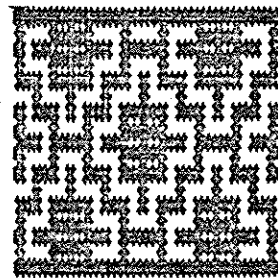
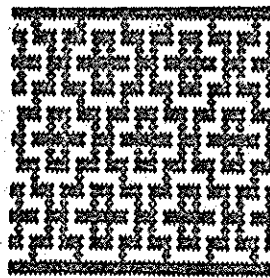
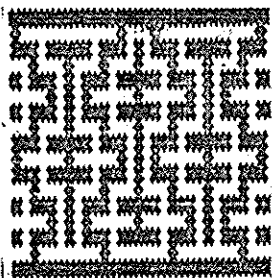
Fonte A Crítica

Class.: Waimiri / Atroari

Data 14/09/93

Pg.: 425

# WAIMIRI ATROARI



Desenho da aba do peixe (esq.), da semente, da borboleta grande e da pele da mulher são alguns dos grafismos da exposição

# Grafismo indígena traduz a natureza

Leyla Leong

Quinta-feira, a partir das 19 horas, a praça central do Amazonas Shopping estará exibindo uma grande exposição da arte Waimiri Atroari. Ao contrário do habitual, que classifica a expressão cultural das nações indígenas de "artesanato", a exposição "Arte do Grafismo", eleva a estética indígena ao patamar que lhe é devido: o das obras de arte.

O evento é um desdobramento do Programa Waimiri Atroari (convênio Funai/Eletronorte), apoiado pelo Museu do Homem do Norte (Fundação Joaquim Nabuco).

Cestarias, camisetas com motivos de cestarias, cartões postais, e outros objetos artísticos feitos pelos índios ou inspirados em seus grafismos, estarão sendo postos à venda com a renda revertida para aquela comunidade indígena.

Segundo o diretor do programa, sertanista Raimundo Nonato Nunes essa é uma forma de valorizar a arte dos Waimiri Atroari e de, através da aquisição dos seus produtos, dar-lhes condições de adquirir coisas das quais atualmente necessitam e que não conseguem produzir.

"Os índios antes de conhecerem a nossa sociedade (ou até a nossa sociedade os pressionarem de tal forma que eles tiveram que conviver com ela), tinham uma sociedade que consumia somente aquilo que eles produziam. Eram auto-suficientes. A partir desse contato, essas sociedades indígenas passaram a depender de determinados produtos da nossa sociedade, que acham interessantes mas que não têm condições de produzir" — diz o diretor do programa.

Entre as variadas ações do programa criado em 88, o da divulgação da arte dos Atroari nasceu da curiosidade e interesse da professora (de primeiro grau) Vilma Alves da Cunha. Trabalhando como professora na área indígena da aldeia Cacau, onde alfabetizava os índios na língua materna, ensinando-os a grafar o seu idioma e ensinando-lhes também o português, a professora encantou-se com os grafismos feitos por eles nos cestos que produziam.

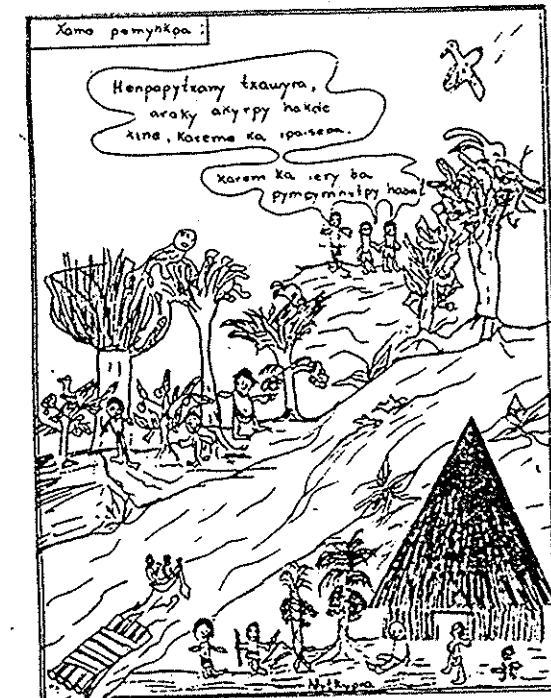
Em suas horas vagas, a professora passou a reproduzir em folhas de caderno, os desenhos criados pelos índios. "A princípio fazia meio às escondidas — diz a professora — com medo de que os índios se aborrecessem".

Além das reproduções feitas em seu caderno de anotações, Vilma também colhia informações junto aos índios a respeito das técnicas de manufatura dos objetos.

Em uma das suas vindas a Manaus, Vilma mostrou os registros que vinha fazendo por simples prazer, ao diretor do programa que pediu-lhe que seguisse em frente com o trabalho, que agora, dois anos depois, resulta na impressão de mil jogos de nove cartões postais (cada um), camisetas, e uma cartilha organizada por ela e ilustrada pelos índios sobre a "História do Lixo" (leia ao lado), escrita na língua deles, publicada com um encarte com a tradução em português.

O tema central da cartilha é a preservação da natureza, e a limpeza dos rios já contaminados pelos plásticos e pelo lixo industrial.

O programa Waimiri Atroari é uma proposta de ação indigenista, montada em várias ações de assistência, que vão da



saúde até a documentação e memória, passando por educação e vigilância dos limites.

O programa está previsto para durar 25 anos, cujo término será em junho do ano 2.003.

"O programa foi criado como uma forma de minimizar os impactos causados pelo alagamento de 30 mil hectares da área Waimiri Atroari pelo lago da hidrelétrica de Balbina" — explica Nonato.

Foi feito um convênio entre a Funai e a Eletronorte para

ações de assistência que incluíram, entre outras, a relocação das aldeias e a indenização das roças, independente das ações do programa.

Durante o evento a ser realizado no Amazonas Shopping será lançada a marca dos produtos Waimiri Atroari, criada pela Espaço Comunicação.

A exposição das peças indígenas fará percurso por vários locais públicos de Manaus.

A exposição fica no Amazonas Shopping até o dia 24 de setembro.

## HISTÓRIA DO LIXO

A tarde as crianças estavam sentadas e então falaram:

— Ei, companheiro! Vamos até o posto conversar com "Kamnja"?

— Vamos.

— Quantos irão?

— Vamos em três porque cabe certinho na canoa.

— Certo. Então vá pegar o remo do seu pai.

— Estou indo. Vou pegar comida também.

E seguiram conversando em direção ao posto.

— Nós chegamos "Kamnja"?

— Chegaram. O que vieram fazer?

— Viemos passear.

As crianças sentaram no banco e conversaram.

Conversaram bastante e disseram:

— Vamos voltar?

— Porque querem voltar rápido?

— Vocês querem bolacha crianças?

— Estou com fome.

— Estou com fome, pois hoje tem pouca comida.

Depois que pegaram a bolacha retornaram de canoa.

— Quero mais uma. Quero mais uma.

— Você é guloso.

— Eh! Já está acabando.

Então acabaram (as bolachas)

— Jogue o saco na água.

— Tudo bem.

Mais tarde:

— Cheguei "Kinja". Vim passear.

— Chegou.

— Como vocês estão?

— Estou bem.

— Quando eu estava vindo de bote vi um saco de bolacha jogado no meio do rio.

Porque vocês jogaram lá?

— Jogamos o saco lá porque as bolachas acabaram.

— Crianças! Agora a água vai ficar feia, cheia de lixo.

— Ah! Não tem problema.

— Tem sim, aquilo nunca acabará.

— Acaba sim, esse lixo acabará na água.

As cascas de frutas acabaram no fundo da água.

— Ah! Ai é que está o problema, as cascas de frutas e restos de comida os peixes comem. Esses sacos nunca acabarão.

— E então como vamos fazer?

— Preste atenção! Antigamente próximo a vocês não existia plásticos, latas e nem

vídeos. Tinha somente panela de barro, fôrno de barro, cascas de frutas, cascas de cana, restos de comida, casca de mandioca e pedaços de pau. Agora temos que ensinar a vocês como fazer com o lixo.

— Escute!

— Fale!

— Cascas de frutas e restos de comida podem ser jogados num buraco e depois fechar com terra. Depois de alguns dias (meses) pode-se plantar uma semente de pupunza, mamão, laranja, araticum e abiu em cima do lixo.

— Verdade?

— Verdade.

— Como vamos fazer com as latas?

— Escute só! Preste atenção no que vou falar. Isto é fácil! Corte um tambor ao meio, fuze vários buracos no fundo, coloque nas extremidades da maloca para não pegar chuva. Jogue cacos de vidro, latas e sacos no tambor. Coloque fogo no lixo do tambor. O que restar no tambor coloque num buraco. Tampe o buraco quando estiver cheio.

— Escutaram? Agora vocês crianças façam assim e ensinem aos outros "Kinja".

— Entendi.

— Certo, vou ensinar.

— Olhe! Se cuidarem bem da maloca de vocês ela ficará sempre bonita.

— E se meus irmãos não quiserem fazer?

— A floresta ficará cheia de lixo e vocês poderão adoecer.

— Porque pegaremos doenças?

— Pegarão doenças sim.

— Porque.

— Escute! O lixo ficará cheio de moscas.

Dentro das latas ficarão os carapachos que logo a seguir trarão doenças a vocês e também poderão cortar os pés descalços com pedaços de vidro.

— Você fala a verdade?

— Claro que não a verdade! O lixo trará muitas doenças, a maloca ficará feia e então vocês ficarão tristonhos.

— Ah! Escutei tudo.

— Vou contar aos outros "Kinja".

Mais tarde:

— Aprendemos. Agora vamos cuidar do lixo, assim ficaremos com boa saúde. Vamos cuidar bem desta floresta!

Fim

Notas: "Kamnja" — não índio

"Kinja" — auto denominação Waimiri

Atroari.